



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de posse do ministro de Estado da Cultura, João Luiz Silva  
Ferreira**

**Palácio do Planalto, 28 de agosto de 2008**

Meu caro companheiro José Alencar, vice-presidente da República,  
Meu caro João Luiz Silva Ferreira – eu jamais soube que ele se  
chamava João –, ministro da Cultura,  
Companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil, por meio de  
quem quero cumprimentar todos os ministros aqui presentes,  
Meu caro companheiro Gilberto Gil, ex-ministro, sempre ministro,  
Meus queridos companheiros governadores Jaques Wagner, da Bahia;  
Alcides Rodrigues Filho, de Goiás; e Marcelo Déda, de Sergipe,  
Companheiros e companheiras senadores aqui presentes,  
Companheiros e companheiras deputados federais,  
Senhoras e senhores representantes do corpo diplomático,  
Meus amigos artistas e representantes de entidades culturais,  
Meus amigos e minhas amigas,

Eu já disse aqui, e vou repetir, que o momento de troca de ministro é um  
momento de muita ambigüidade no discurso do presidente da República.  
Primeiro, de tristeza, porque alguém vai embora ou, pelo menos, não vai mais  
partilhar da briga pelo Orçamento todo ano. Segundo, com o que entra, há  
sempre a possibilidade de você construir uma outra boa relação de amizade,  
estabelecer novo grau de companheirismo e tocar o barco para a frente.

Normalmente, quando a gente substitui um ministro, a gente fica  
torcendo para que o que vai entrar seja tão bom que faça com que o outro caia  
no esquecimento do cargo. Eu penso, Juca, que isso não vai acontecer com



você, porque certamente o Gil vai aparecer mais na televisão do que você. Certamente, ele vai conseguir juntar mais gente do que nós nas ruas deste país – nós, para falar mal de alguém, e ele para cantar.

De qualquer forma, quero dizer a todos vocês que foi muito gratificante ter o companheiro Gilberto Gil como ministro. Num primeiro momento, pensei que estava juntando a fome e a vontade de comer. Eu queria que o PV viesse para o governo e, como já tinha uma certa relação de amizade com o Gil e o Gil era um ambientalista fervoroso, eu falei: chamando o Gil, estou chamando o PV para o meu governo. Qual não foi minha surpresa quando, depois, descobri que o Gil não era militante do PV coisa nenhuma. Ele era um grande artista, ambientalista, e que o PV passou a gostar dele como nós. E falei: o Gil não precisa representar nenhum partido político.

Eu acho que de vez em quando as pessoas precisam compreender que o Brasil é capaz de produzir pessoas tão significativas e tão importantes, que elas são de todos os partidos e, ao mesmo tempo, não são de nenhum partido. Imagine se eu exigisse, Gil, que o Chico Buarque entrasse para o meu Partido. Ele certamente iria ficar mais chato. Imagine se o Caetano Veloso entrasse para o PSDB, certamente iria ficar mais chato.

Então, eu penso que precisamos adorar as grandes figuras, os grandes artistas brasileiros, os grandes criadores brasileiros, sem exigir que eles preencham a ficha de um partido para ocupar um cargo importante no País. Sobretudo na cultura, porque a cultura é um movimento extremamente complicado. Quem pensa que os partidos são complicados, nunca participou de uma reunião para discutir cultura em alguns estados deste país.

De qualquer forma, penso que hoje, ao deixar o Ministério, o Gil conseguiu uma proeza que até então não se havia conseguido no Ministério da Cultura. Primeiro uma coesão, de fazer com que o País, também do ponto de vista cultural, seja mais equânime, mais justo, mais distributivo. Não foram poucas as críticas que o Gil recebeu quando, por exemplo, resolvemos fazer



com que o Norte, o Nordeste e o Centro-Oeste brasileiros tivessem uma fatia dos recursos disponibilizados para a cultura neste país.

Eu me lembro de quando nós resolvemos fazer algumas mudanças na Lei do Audiovisual, o quanto apanhamos até sem ter o projeto. O projeto não estava pronto e a gente já estava apanhando pelo futuro. De qualquer forma, o Gil conseguiu uma proeza. Desde 1988, participo com muitos artistas, pelo Brasil inteiro, sempre pedindo o voto e o apoio deles. Como presidente da República, posso viver este momento extraordinário em que há uma compreensão, também no meio artístico brasileiro e em todas as entidades culturais deste país, de que o governo está fazendo as coisas acontecerem sem permitir que os ricos fiquem mais ricos e os pobres fiquem mais pobres. Tentando elevar os de baixo, aqueles que fazem, muitas vezes, a verdadeira cultura brasileira, e que nem sempre são reconhecidos pelo poder público ou por uma parte da sociedade brasileira.

Quero dizer, Gil, que foi uma coisa extremamente gratificante. Certamente, não conseguimos fazer tudo o que tínhamos vontade de fazer. O Juca tem dois anos e quatro meses para fazer o que nós não conseguimos nos primeiros 66 meses. Quero lembrar aqui algumas coisas que o Gil fez e que acho importante registrar. Primeiro, o Gil, no Ministério, deu consistência e significado à ação do Estado na área da cultura, construindo pela primeira vez uma política cultural de Estado, coisa que a gente não tinha neste país. Segundo, o caráter republicano. Realizou uma política cultural sem discriminação territorial ou de setor, rompendo privilégios e democratizando o acesso aos bens culturais e aos incentivos. Atendeu ao conjunto das manifestações culturais, populares ou eruditas, compreendendo todas as manifestações como ricas expressões da diversidade do povo brasileiro.

Algumas realizações importantes: Programa Mais Cultura, que visa aos 2.615 municípios com IDH menor e populações excluídas; entre 2003 e 2007 triplicou os recursos do Ministério e quadruplicou os recursos da Lei Rouanet;



terceiro, 742 Pontos de Cultura já implantados e convênios com 24 estados para a instalação de mais 1.298 Pontos de Cultura; Programa de Museus, que fez crescer em 1.000% os recursos para museus e prepara a criação do Instituto de Museus.

Juca, sei que você gostaria que eu assinasse a mensagem para que a gente pudesse contratar funcionários para os museus brasileiros, para o Instituto, mas eu acho que não é bom você ganhar muita coisa antes de assumir. Primeiro assuma, marque uma audiência comigo e aí vamos tratar de atendê-lo corretamente. Senão, eu estaria sendo prejudicado porque tem dois ministros aqui, fazendo pressão.

Grande ampliação do Monumenta, reconhecido como exemplo pela Unesco; ampliação de 11 Pontos de Memória; bibliotecas públicas: meta de zerar o déficit de bibliotecas municipais; entregues os primeiros 300 kits de bibliotecas municipais.

Estas foram apenas algumas das coisas que, certamente, tanto ele quanto o Juca irão retratar com mais fidelidade nos discursos que vão fazer daqui a pouco no Ministério. Eu queria dizer ao companheiro Gilberto Gil: o carinho que tenho por você é tão grande, que se amanhã você quiser ser ministro outra vez... Eu não posso prometer. O único cargo que posso prometer aqui é o meu. Para isso, tem que disputar uma eleiçãozinha e convencer o povo. Mas eu e o José Alencar estamos dispostos a fazer concessões para você, se você um dia quiser voltar ao governo.

Quero te dizer, Gil, que foi gratificante, foi uma vivência excepcional. Eu acho que trabalhar com você, não sei se a Flora pensa a mesma coisa, mas trabalhar com você é um trabalho de uma leveza profissional e política, extraordinária.

Posso te dizer que não sei quanto tempo vai levar para que o Brasil tenha uma pessoa da sua qualidade no Ministério da Cultura. Por isso, muito obrigado pela sua colaboração e por tudo que você representou no nosso



governo.

Ao meu querido companheiro Juca, que pela formalidade do Cerimonial descobri, agora, que chama-se João Luiz Silva Ferreira. Eu quero dizer, Juca, sinceramente, que você me ganhou para ser ministro na apresentação do PAC da Cultura, quando você apresentou o Programa Mais Cultura no Teatro Nacional, aqui em Brasília.

Obviamente todo mundo sabe que o Gil, já no segundo mandato – em janeiro tive uma conversa com ele – tinha disposição de sair. Um cidadão como o Gil, que tem uma família grande para sustentar, não podia viver com 10 mil reais por mês, é esse o salário. Como não tem trambique para pagar mais, era normal que o Gil tirasse o seu domingo para fazer um showzinho, um sábado, era normal e eu achava isso bom, porque seja em Paris, seja no Brasil, ele sempre será um extraordinário Ministro da Cultura. Sempre achei assim e continuo achando assim.

Mas sempre achei também que quando o Gil viajava, o Ministério continuava com um vigor extraordinário. Até na greve dos funcionários. Eu falava: espera aí, tem alguém lá que deve ter muita força também. Na apresentação daquele programa tive a nítida noção, Juca, de que você tinha uma visão completa das necessidades culturais deste país, do que precisaria ser feito. Naquela exposição, depois que o Gil já tinha demonstrado – eu pedi para ele ficar mais um tempo – comecei a pensar: o Gil vai sair... Eu vou colocar o Juca no lugar do Gil, para ter continuidade. Também porque não tinha sentido estabelecer uma nova disputa, colocar alguém que chegasse hoje, novo, que precisaria ter um secretário-executivo novo, um chefe de gabinete novo. Até conhecerem a máquina, terminaria o mandato. E poderia ter um que quisesse ser candidato a deputado federal, que teria que parar em março do ano de 2010, seria pior ainda.

Quero dizer, companheiro Juca, que tenho consciência de que parte do sucesso do meu companheiro Gilberto Gil dependeu do seu trabalho, meu



companheiro Juca Ferreira. Tenho clareza disso.

Por isso, quero desejar a você, meu caro – você não precisa fazer mais nada, Juca – só cumprir aquilo que é anunciado pelo chamado Programa Mais Cultura, para o nosso país. Se conseguirmos cumprir o Programa Mais Cultura até o dia 30 de dezembro de 2010, não terei dúvida nenhuma de que fizemos em oito anos, enquanto governo, o que não foi feito em 80 anos para a cultura brasileira.

Por isso, quero te desejar toda a sorte do mundo. Quero dizer a você que terá todo o apoio. É importante que você aprenda rapidamente os caminhos para aumentar a verba do orçamento da Cultura. Se ficar brigando apenas com o Paulo Bernardo, certamente a chance é você perder. É importante que de vez em quando você chore para a Dilma, é importante que você reclame para o José Alencar. E, sobretudo, é importante que você descubra a potência que o José Múcio tem para te ajudar a liberar emendas dentro da Câmara dos Deputados.

Posso aqui testemunhar, na frente de todos vocês, que nesses dois anos e quatro meses em que serei o chefe do Juca, não faltará apoio para que ele possa concluir tudo aquilo que ele e o Gil conseguiram apresentar.

Boa sorte, Juca. Obrigado, Gil. Boa sorte para todos vocês.

(\$211A)